

5ª PARTE

DISCURSOS

DISCURSO DE POSSE

Révia Herculano

Boa noite, Senhoras e Senhores, prezados Acadêmicos!

Insigne Presidente Ubiratan Aguiar, em cujo nome saúdo esta distinta mesa.

Inicialmente gostaria de expressar a minha intensa fé, esta força que alenta, encoraja. Sim, creio no Deus Altíssimo! Por intermédio d'Ele somos irmãos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Quem O escuta sente o poder do Espírito Santo, o qual confesso com veemência.

Minha fé procede de uma família cristã, do estudo no Colégio das Irmãs Doroteias e da religiosidade de minha avó paterna, que escolheu a primeira neta para educar. Gostaria de vê-la aqui, emocionando-se com o resultado de sua dedicação, envaidecida com a láurea com que a Academia Cearense de Letras me prestigia, configurada na fascinante e indulgente oração do prof. Dr. Carlos Augusto Viana. À minha avó, Alda Matos Bezerra Lima, dedico o réquiem executado, similarmente à minha mãe Olívia Rodrigues Fernandes, primeiro rosto, riso inicial, primordial Paraíso.

Fui uma criança expansiva, no entanto, a adolescência e seus desafios trouxeram-me fragilidades. Da antítese entre o utópico e o possível resultou uma forte resiliência, pois, a despeito do vácuo deixado pelas estrelas cadentes, procurei o regaço contemplativo da poesia. Disse, certa feita, Holderlin que: “Difícilmente o que habita perto da origem abandona o lugar”, assim, intuitivamente fui atraída pelo esplendor desta Casa Veneranda, a mais antiga do país, que, não obstante às desfigurações causadas pelo tempo e os ultrajes infligidos à beleza da língua, escuda, tenazmente, seus valores, pela contínua labuta de seus pares.

Presidente Ubiratan, formei-me em Letras pela Universidade Federal do Ceará e, estimulada pelos cursos e pós-graduações que concluí, adentrei a Faculdade Católica de Fortaleza, onde mestres como o Monsenhor Manfredo Tomás Ramos, membro desta Augusta Casa, Jean Ter Reegen e outros deslindam os meandros do pensamento clássico greco-latino, com seus desdobramentos na Idade Média, além dos grandes vultos da Idade Moderna e da Contemporânea, a par do saber bíblico-semita e cristão-; enfim, de inúmeros pensadores cujo brilho fulgura nas páginas da História.

A propósito, o filósofo Agostinho, em sua mística experiencial, desviou o olhar do intelecto, buscando o divino e, com devastadora paixão pelo Criador, viu manifestar-se ímpar genialidade. A flamante imaginativa do santo, confunde-me como oração e poesia. Atendem para a gama poética no texto teologal de *As Confissões*:

“Mas o que amo quando te amo? Não uma beleza corpórea, nem uma graça temporal: não o esplendor da luz, tão caro a estes meus olhos, não as doces melodias das cantilenas de todo tom; não a fragrância das flores, não os membros aceitos no abraço da carne[...] Entretanto resplandece ante a minha alma uma voz não envolta pelo espaço, não arrastada pelo tempo, onde exala um perfume não disperso pelo vento, onde se aperta um abraço não interrompido pela saciedade. Isso amo quando amo o meu Deus.” (Conf.X,6,8.)

Que possamos usufruir desta noite da poesia, pois presentes estão grandes poetas. Escolhida pela gentileza de seus pares, Presidente, aqui estou assumindo a cadeira do poeta Carlos Neves D’Alge, que teve como patrono o Senador Thomaz Pompeu de Souza Brasil e, como primeiro membro a ocupar a citada cátedra, seu filho,

o Dr Tomás Pompeu de Sousa Brasil, seguido de Adauto de Alencar Fernandes e Hugo Catunda Fontenele.

Senador Pompeu nasceu em Santa Quitéria em 6 de junho de 1818 e faleceu em 2 de setembro de 1877. Era Padre e bacharel em Direito, ordenado e formado em Pernambuco. Thomaz Pompeu teve maior pendor para as lutas políticas, a jurisprudência, os estudos sociais, atuando em inúmeras esferas, permanecendo, outrossim, um homem de fé. Sua bibliografia revela invejável conhecimento humanista. Pioneiro das reformas do ensino primário e liceal, político revolucionário, foi notabilizado pelos liberais de sua época.

Publicou os seguintes títulos:

- *Princípios elementares de cronologia para uso do Liceu do Ceará*, 1850;
- *Compêndio de geografia geral*, 1856;
- *Memória sobre a estatística da Província do Ceará*, 1856;
- *Ensaio estatístico da Província do Ceará*, em dois volumes, o primeiro em 1863, e o segundo em 1864;
- *Memória sobre a conservação das matas e arboricultura*, 1859;
- *Sistema ou configuração orográfica do Ceará e Memória sobre o clima e secas do Ceará*, ambos publicados no ano de sua morte, em 1877.

Acrescente-se a sua participação no jornal liberal O Cearense, no Jornal O Brasileiro, este criado pelo próprio Senador Pompeu;

No Senado do Império, onde esteve de 1864 a 1876, redigiu centenas de discursos, pareceres, emendas e requerimentos.

Autor de vigorosa obra, bastaria a fundação do Liceu do Ceará para que fosse reverenciado como um dos maiores educadores brasileiros de seu tempo. Patrono da cadeira de número 36, desta Casa do Saber, o Senador Pompeu, pensador, divulgador da ciência,

homem de limpidez histórica e espiritual acumula motivos para que o visualizemos um poeta.

Carlos Neves d'Alge, nascido em Chaves, Portugal, em 24 de julho de 1930, naturalizou-se brasileiro e faleceu em Fortaleza, em 21 de dezembro de 2017. Formou-se em Contabilidade, Letras Neolatinas, Direito e Pedagogia.

Exerceu as seguintes funções:

Chefe de Gabinete do reitor Martins Filho;

Professor titular de literatura portuguesa;

Diretor da casa de cultura Portuguesa e pró-reitor de extensão;

Diretor do Centro de Humanidades da UNIFOR;

Professor visitante de literatura portuguesa e brasileira em Colônia-Alemanha.

Publicou ensaios, teses acadêmicas, críticas literárias, crônicas e estreou como contista em *A Mulher de Passagem*, prefaciado por Linhares Filho, Príncipe dos Poetas Cearenses, que também me honrou com o prólogo de *Solo Sagrado*.

O escritor Pedro Lyra vê na obra do poeta português a revelação de um ser intrinsecamente dividido entre o “Eu civil” e o “Eu lírico”, condição provavelmente observada na antinomia constante dos textos, ora pragmáticos ora subjetivos, marchetados pela saudade de Portugal e o vínculo com o Brasil, pelo conflito de amor e liberdade, erotismo e evocação romântica, enfim, pelo homem que palmilha lúcido o caminho da História paradoxalmente perplexo ao descrever o caos nas estrofes de *Hecatombe*.

Ainda escreveu:

- *Aspectos da nova literatura portuguesa: Do movimento de “Orpheu” ao romance moderno.* Fortaleza, 1963;
- *Terra do Mar Grande: alguns aspectos culturais portugueses.* Fortaleza, 1970;
- *Sintaxe do Compromisso: poesia.* Fortaleza, 1980;
- *O Exílio Imaginário: ensaios de literatura de língua portuguesa.* Fortaleza, 1983;
- *O território da Palavra: memória e literatura; Prefácio de Rachel de Queiroz.* 1990;
- *Em busca da Utopia.* Fortaleza, 1995;
- *A Experiência futurista e a geração de Orpheu.* Fortaleza, 1997;
- *O sal da escrita: ensaios de literatura comparada.* Fortaleza, 1997.

Ecoam, ainda, as palavras de acolhimento de Artur Eduardo Benevides, ao saudar Carlos Neves d’Alge com a oração *Um poeta na Academia*:

“Sois, essencialmente, um intérprete do homem na sua dimensão individual, social e eterna, nos segredos e frustrações de sua alma, nas esperanças e nos desconcertos de seus caminhos, nas mágoas e expectativas de sua solidão.”

Consciente da condição humana plena de conflitos e fragilidades, e da brevidade das paixões, o poeta trata serenamente o tema da morte:

“Amiga, parece-me impossível
Ter de partir um dia assim de sol
De ar carregado com segredos do mar

De promessas a cumprir-se,
De esperanças que se arrastam aos pedaços
De memórias, de certezas, de afirmações.”

Assim, nos versos de saudades da Pátria, reveste-se da constante melancolia:

“Águas do Tejo que demandam o oceano
Em vão tento achar nesse instável veio
O momento, que ficou, posto que estranho
Culpa e mágoa, de insólito anseio.”

Presidente Ubiratan, há sempre um rio em que o poeta navega, tributo que o senhor compartilha com seu amado riacho São Miguel. O rio que margeou minha infância guardava tez excessivamente luzidia. Seu manancial repousava no mormaço das rochas arenosas, depois, na nossa “Selva de pedra”. Certo dia, com a cheia, vi desfazer-se meu barco de papel e perplexa, de minha essencial janela, o escorrer da palavra. Sorvi-a!

Tem-se um rio, ademais, Presidente, quando se cria e a correnteza da palavra concebe, plena, uma Aurora Escassa ou atravessa a metonímia da solidão como no *Silêncio das Araras* ou vive, trépida, a descritiva romanesca dos córregos do inconsciente de *Chão Aberto*; arrasta ladainhas na epopeia do *Solo Sagrado* ou guarda aragens nas cirandas dos livros infantis. Nós, poetas, recriamos o tempo, reinventamos a vida. Assim, em *Por serdes Vós quem sois*, recorro à ressonância dos arquétipos femininos, nascente milenar e atual.

Presidente, Senhoras e Senhores, faz-se mister um agradecimento: Para tal, recorrerei ao universo mitológico, jazida de tantas verdades. Prometeu trouxe para a terra, por amor à

humanidade, o fogo do conhecimento e do saber. Esta mesma generosa aquiescência encontrei na professora Noemi Elisa Costa de Soriano Aderaldo, que desde o seu trabalho na cátedra de literatura portuguesa, da Universidade Federal do Ceará entrega, com lucidez, e demonstrando um tipo de compromisso com algo maior, a pujante chama, a palavra que transfigura. Não é ela que, contemplando a verticalidade, investiga o primordial? Pois a professora Noemi, nos idos da Faculdade de Letras, ainda grávida de José Martins Aderaldo, recebia, com a bondade das almas grandes, os frutos de minhas primeiras colheitas literárias e de muitos outros colegas. Assim, pesquisadora da ordem fundamental, ensinava-nos a ver, observando sob a ótica do essencial, as conexões abstratas entre o efêmero e o eterno, conferindo especial atenção ao que os transcende.

Cícero, filósofo romano, expressou-se deste modo sobre a amizade: “Observar um verdadeiro amigo equivale a observar alguma versão exemplar de si mesmo”. Homenageio, assim, a memória do poeta Horácio Dídimo, recentemente na glória de Deus, com a sua Estrela Azul ele que gentilmente sufragou meu nome. Somo ainda, o também saudoso Professor Genuíno Sales, que extraiu da dureza da vida as melhores possibilidades de dedicação e desempenho. Que o Pai o acolha em seu abraço!

Exalto, nesta noite, a todos os membros deste Cenáculo, especialmente aos que já foram citados e a plêiade de escritores que me honram com seu apoio: aos decanos Pedro Paulo Montenegro e Cid Saboia de Carvalho, poetas Pedro Henrique Saraiva Leão, Giselda Medeiros, Marly Vasconcelos, Virgílio Maia, poeta das Setes Chuvas para Meu Pai e de Rudes Brasões, Luciano Maia, Batista de Lima, Carlos Augusto Viana, a quem aplaudo pelo fulgor de sua lírica e de sua oratória. Aos brilhantes juristas Napoleão Maia, César Barros Leal, amigo de algumas décadas, ao médico Flávio Leitão, a João Soares Neto, e Teoberto Landim, presidente e colega na Academia da Língua Portuguesa.

Permitam enaltecer o espírito dedicado de José Augusto Bezerra, amante, como também o sou, deste Palácio da Luz, com o qual espero contribuir. Exultante por pertencer a este Sodalício, firmo com todos o compromisso com a literatura e ousa prometer uma resposta de conhecimentos aos anseios da comunidade.

Agradeço os constantes ensinamentos do Professor Layrton Cavalcante, cultor recorrente do mundo mítico. À Ana Maria César Pompeu, mestra nos atuais estudos clássicos na Universidade Federal do Ceará, às artistas Socorro Torquato e Ana Maria Jereissati. Do mesmo modo à professora Priscila Ribeiro.

Grata às bibliotecárias Cláudia Queiroz e Madalena Figueiredo, ao senhor Nunes, senhor Valter e senhor Arteiro.

Finalmente, a Rúver Herculano, meu marido e meu grande incentivador, a Rúver Júnior, Daniele, Revinha e Marianna, bênçãos dos céus.

Que Deus nos proteja, Obrigada!